HERMES
JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR
ANO 5 · NÚMERO 26 · OUTUBRO 2025

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

É com enorme entusiasmo que damos as boas-vindas a toda a comunidade da Universidade Sénior de Gondomar — alunos, professores, colaboradores e amigos. Iniciamos um novo ano letivo com espírito renovado e a certeza de que continuaremos a partilhar conhecimento, experiências e momentos que enriquecem, todos os dias, as nossas vidas.

A confiança que os nossos alunos depositam neste projeto — regressando ano após ano ou juntando-se pela primeira vez — é o maior reconhecimento do caminho que temos trilhado. Aos professores, que tão generosamente partilham o seu saber e o seu tempo, com dedicação e entusiasmo, deixamos a nossa mais profunda gratidão.

Este ano letivo tem, porém, um significado muito especial: em março de 2026, a Universidade Sénior de Gondomar celebrará 20 anos de existência. Duas décadas de compromisso com a educação ao longo da vida, de valorização das pessoas e de combate ao isolamento social através da cultura, do convívio e da aprendizagem contínua.

Sejam todos muito bem-vindos. Vamos, juntos, escrever mais um capítulo memorável na história da nossa Universidade Sénior. Continuaremos a apostar na inovação e no contacto com a comunidade, através de projetos como as Tertúlias de Poesia, o ConVida e o Poesia no Parque, que reforçam a nossa missão de abrir portas ao saber, à cultura e ao convívio.

Instantes

— Albino Santos

Como são belos os instantes em que tudo se entrelaça: luz e sombra, areia e mar, fogo e vento, corpo e sonho. E sempre acontece o mesmo milagre – opostos que se tocam, não para se anularem, mas para vibrar juntos do coração de um desejo maior.

Mar e Areia

É maravilhoso o instante em que o mar e a areia se tocam como amantes que não conseguem separar-se. A onda vem, envolve, penetra a superfície macia, deixa o seu sal, sua espuma, sua febre. Depois recua, mas já desvanecida, porque na retirada, leva consigo a memória ainda quente da carícia. E a areia, estremecida, sabe que ele voltará – sempre, eternamente, no vai e vem da promessa que nunca se cumpre totalmente, mas que se renova a cada encontro.

Fogo e vento

É um instante de fúria, quando o fogo e o vento se encontram: a labareda que se curva, tremendo, ao sopro invisível que a incita. Não há chama sem vento, não há desejo sem o sopro que o desperta. O vento acaricia, o fogo entrega-se e juntos dançam como dois corpos em delírio – um agitando-se, o outro ardendo, mas ambos vibrando nas chamas da mesma vertigem.

Corpo e sonho

Todos conhecemos o delicioso instante em que o corpo e o sonho se entrelaçam. Os olhos fecham-se, mas a pele desperta. O que é lembrança, renasce na imaginação; o que é carne, dissolve-se no que é delírio. E nesse onírico espaço, o desejo cresce como um fruto proibido, maduro, prestes em derramar a sua doçura.

Som e silêncio

É de pura magia o instante em que o som e o silêncio se tocam: o gemido que nasce entre dois suspiros, a palavra interrompida por um beijo. É aí que a música se torna mais intensa – não no que se diz, mas no que acontece, ecoando invisível entre dois corações que batem em compasso único e secreto.

A Vida mora no Simples

— João Paulo Pinto

Desenhando os primeiros raios do amanhecer, vou esquadrinhando os detalhes do dia. Se mais um ou menos um, não o sei. O que definitivamente posso afirmar é que a vida mora nos pequenos prazeres, aqueles que ninguém publica, que não contam porque ninguém valoriza.

Que graça tem falar sobre um banho matinal para despertar ou ainda no prazer que é fazer xixi quando se está super apertado? São prazeres tão relevantes e ao mesmo tempo tão desprezados que as pessoas não os mencionam. Quem se pode interessar por essas bobeiras? Esquecem-se elas que a vida acontece no simples, na rotina diária.

As pessoas não se lembram mais de coisas comuns como saborear uma chávena de café, ouvir os primeiros barulhos do dia, sentir o aroma do pão quentinho, calçar uns sapatos que abracem os pés sem apertar, dormir com aquela camisa surrada, afundar no sofá comendo um balde de pipoca e permitir-se ficar sem fazer nada. Parece que isso é imoral.

Toda a gente precisa postar algo espetacular que faz ou fez, que tem ou recém adquiriu, quer seja um certificado, uma viagem, um prato naquele restaurante chique, o carro novo, a festa badalada, um portfólio inovador, sei lá, qualquer feito mirabolante que desperte suspiros e inveja.

Pouco importa o preço a ser pago. Quantos síndromes são adquiridos e/ou desenvolvidos. Todo o mundo é unânime em dizer "eu pago o preço", desde que o mundo digital se transforme num carrossel de sucesso.

Nada mais vazio que pessoas adoecidas pela ilusão das redes sociais. O "custe o que custar" tem embriagado crianças e adultos de todas as idades, que nem percebem o quanto estão envolvidos nesse turbilhão desesperador de conquistas onde o mais importante é mostrar. Não precisa ser verdade, nem ser tão atual assim, mas tem de movimentar os números da rede pessoal.

Fico-me perguntando onde está o equilíbrio nessa situação. Sim, porque aqui ninguém está a falar em abolir as redes sociais. Falo no bom senso que filtra limites. É saudável entregar-se às criações da IA entendendo que a realidade está em primeiro lugar, que é no mundo real que as pessoas vivem, trabalham, estudam, amam e evoluem, e que essa inteligência artificial cria opções facilitadoras sim, mas que o ser humano é soberano e a palavra final é nossa.

Onde se perdeu a alegria das reuniões em família, das férias frustradas que viraram piadas e são lembradas em todos os encontros, ou ainda aqueles almoços festivos na casa dos avós? Essas memórias, construídas ao longo do tempo, criam nas pessoas histórias de vida e lembranças recheadas de saudades. Afinal, em praticamente todas as famílias, as vivências criam vínculos de afetividade.

Seria perfeito demais se todos entendessem a linha tênue que separa o mundo real da fantasia, uma vez que ninguém ainda se teletransportou para o mundo digital. Jumanji à parte, a ficção ainda é ficção, e a realidade ainda é o que temos. Aonde chegaremos com essa inversão de mundos? Uns vão afirmar que em realidades alternativas; outros que em multiversos e dobras de tempo, outros ainda carregando bonecos como se fossem bebés.

Viver é isso. Aprender, cair, levantar. A vida é mestra e todos aprendem de um jeito ou de outro. Isso é real. É humano. Cabe a cada um compreender que nossa existência acontece no dia a dia, que nem todos os dias são especiais, mas que viver é oportunidade de crescer.

Desafie-se a parar, descer do turbilhão e ficar sem fazer nada por algum pequeno espaço de tempo. Esvazie a mente colocando os problemas na gaveta e desfrute de sua companhia. Sinta o coração bater, os pulmões trabalhando, a pulsação ritmada e respire inspirando e expirando o ar.

Nem pense em pegar no telemóvel nesses instantes para filmar essa ação! Apenas fique consigo mesmo e aprecie sua companhia. É a melhor entre todas. Olhe para dentro de si e descubra a pessoa incrível que você é. Na simplicidade desse gesto, você vai se redescobrir...

Bom reencontro!

O Som das Ondas, banda sonora para os pensamentos soltos

— Etelvina Ferreira

Há um tipo de silêncio que só existe junto ao mar. Não é ausência de som - pelo contrário, é o rumor contínuo das ondas, semelhante a um disco riscado da natureza, que embala os pensamentos em vez de os interromper. Ali, sentada num banco, frente ao mar, com o vento a brincar nos tornozelos e o sal a pousar levemente na pele, deixo que a mente vagueie sem mapa, sem rota predefinida.

De repente, passa uma gaivota a gritar numa língua que não entendo e, mais logo, surgem outras formando uma coreografia no céu, como se alguém lhes tivesse ensinado uma dança. Umas avançam em "V" contra o azul do céu, cortando o ar com disciplina quase militar. Outras voam em círculos, preguiçosas, como se quisessem prolongar o prazer de planar. Pura exibição!

Descem em espirais largas, ora solenes, ora traquinas, deixando que o vento as leve até quase perderem o equilíbrio - mas nunca perdem. São donas do ar e do tempo.

Uma delas abre as asas com mais força, estica as patas num gesto cómico de travagem e aterra com uma ligeira sacudidela, tal como um avião quando, finalmente, atinge a pista. Depois caminha pela areia, passo meio arrogante, meio desconfiado, como quem julga o mundo e o nosso gosto por sandálias.

As outras seguem-na aos poucos, uma a uma, e, nesse instante, o areal parece um congresso de penas brancas protestando - sabe-se lá porquê - ao som de gritos roucos e olhares enviesados. Disputam tudo: um pedaço de pão, um resto de batata frita, um doce retirado à socapa do saco de um veraneante distraído. No fundo, estão só a cumprir o seu ritual de vida: voar, observar e pousar, sendo livres num mundo onde poucos têm esse prazer.

Depois das gaivotas é a vez de uma criança correr com um balde verde em direção às ondas, tentando nas várias corridas aprisionar a água num buraco que construiu na areia - um trabalho para todo o sempre, mas que ela ainda não teve tempo de aprender.

Um cão ladra furiosamente a cada onda que se desfaz na areia e dá meia volta, feliz quando a onda recua, convencido do seu sucesso, porque ele, cão, pode ladrar ao mundo que não tem escapadela senão obedecer.

E eu, para ali sentada - sem agenda, sem notificações, sem nada que não seja esse instante - descubro que pensar não custa dinheiro ou esforço. Isto é, se não for obrigatório pensar em linha reta.

Penso na minha infância, em que os baldes montavam castelos na areia destruídos quase de imediato pelas ondas; nos verões em que os amores sabiam a gelado de morango e as despedidas a sal e vento - um gosto frio, salgado, um gosto amargo do que poderia ter sido e não foi. Penso talvez demais, mas o mar não se importa e repete sempre o mesmo som: um incentivo ao diálogo surdo entre nós dois.

Por vezes fecho os olhos e, aí, o mundo perde as formas e fica só o som – esse vaivém hipnótico, que tanto pode ser o respirar do Gigante Adamastor como o sussurro ancestral de todas as histórias que o mar já engoliu.

Há quem venha ao mar para esquecer, outros para recordar. Eu venho para me encontrar no intervalo destas duas coisas. O mar tem esse poder estranho, único, de nos devolver partes de nós que julgávamos perdidas: um pensamento antigo, uma saudade mal resolvida, um riso esquecido algures no tempo.

À minha volta o mundo continua no seu próprio ritmo: casais que discutem em sussurros, turistas de brilho nos olhos, velhos sentados em bancos, apáticos, com o olhar de quem já não quer ver mais nada da vida.

E eu fico, à espera do nada, mas assim mesmo não querendo desistir. Sair é voltar ao ruido do mundo, onde os pensamentos têm de ter sentido, direção, urgência.

Aqui, junto ao mar, posso simplesmente pensar ou apenas estar.

Quase sempre isso basta - na sua insuficiência.

Sonhos de Verão...

— Maria Cecília Santos

Naquele dia de verão, excecionalmente quente, acabara de ler um romance que ressuscitou o seu interesse, sempre latente, pelas viagens. Viajar era como nascer de novo! Sentir outros perfumes, ouvir sons diferentes, saborear alimentos novos, reconhecer lugares anteriormente visitados, descobrir outros, sentar-se numa esplanada e apreciar o frenesim de uma grande cidade. Ter tempo de olhar o mundo à sua volta, respirar, e não ter vontade de regressar.

Fechou os olhos ...

Os seus passos apressados dirigiram-na para a estação do metro. Estava em Paris. Queria ir a Les Halles. Sabia que lá encontraria tudo o que procurava.

A Fnac estava cheia de gente, livros empilhados no chão... Uma confusão, disse para si própria. Não obstante, começou a apreciar aquele espaço, a deixar-se envolver por toda aquela ambiência. Subitamente, o seu olhar deteve-se em algumas prateleiras, onde estrategicamente estavam colocados separadores, os quais assinalavam, em letras bem desenhadas, as diferentes temáticas ali reunidas, em inúmeros livros com lombadas de todas as cores. Sempre gostou de pegar em livros.

Pegar num livro era tocar-lhe, deter-se na capa e reparar na sua textura, virá-lo para ler o resumo na contra - capa, observar a imagem do autor ou autora, ver as opiniões críticas sobre a obra e, finalmente, folheá-lo e parar no índice. Por onde começar a leitura? Sabia, há já muito tempo, que o direito dos leitores preconiza que se possa ler um livro de trás para a frente, de saltar páginas, de descobrir o final ... Daniel Pennac foi quem o disse!

Olhou à sua volta, não havia um lugar disponível nas cadeiras reservadas aos leitores. O ambiente estava quente, mas agradável. Resolveu, então, sentar-se no chão forrado a alcatifa, junto a tantos outros, quase figuras de cera, estáticas, em pose de pura contemplação da obra de arte. Ela e eles, perdidos no meio de estantes, de sacos, de casacos atirados pelo chão. Curvados sobre os livros e, de tal modo absorvidos, não davam pela aproximação de quem passava. Numa das mãos, dois exemplares de romances históricos retirados da respetiva prateleira. Queria encontrar um, que fosse o certo, para oferecer no Natal ao irmão, também ele amante de história e de trama. Talvez um daqueles fosse o tal.

Deixou-se estar. Sentia-se bem naquele ambiente.

Quando, enfim, olhou pela janela, chovia. Fazia-frio no início de dezembro, em Paris! As ruas já se iluminavam para o Natal que todos quereriam ter, mas do qual só alguns conseguiriam desfrutar. As vitrinas atraiam as crianças, que puxavam as mãos dos adultos até se fixarem na beleza exposta e apreciarem os apetecíveis presentes, as luzes e os enfeites natalícios. As ruas tornavam-se alegres e vistosas com os troncos das árvores das avenidas iluminadas por centenas de luzinhas brancas, da cor da neve que, em breve, cairia e daria mais magia à cidade.

Regressou ao hotel.

Não vislumbrou ninguém do seu grupo de amigos. Certamente estariam ainda perdidos no meio da azáfama do comércio natalício. Esperando encontrar-se com eles antes de subir para o quarto, deambulou pelo hall do hotel, desenhado em forma de círculo. Era impossível não reparar no enorme abeto que lá tinha sido colocado por mãos experientes e enfeitado com diversas formas e cores em abundância. Atraída, observou-o mais de perto. Parecia maior ainda!... O Natal tinha chegado com todo o esplendor!

Entretanto, naquele amplo espaço, grupos de turistas de várias partes do planeta acotovelavam-se, em filas de espera, para ouvirem o guia e, de seguida, partirem para visitar a cidade luz. Um mundo com outros mundos dentro entrava e saía daquele hotel.

Um som insistente quebrou o doce encantamento em que se tinha deixado envolver. Estremeceu e, por fim, abriu os olhos.

Alguém tocava a campainha!... A realidade chamava-a.

Para Ti, Amigo!

— Fernando F. Costa

Que partiste e nos deixaste
momentos que partilhaste
e nos faz bem relembrar;
O teu Reino de Glória
envolve a nossa memória
e a ilumina ao recordar.
A Lei da Vida é mistério!
Em teu paraíso etéreo
acolhido p'la verdade,
na amizade que seduz,
sentimos que a sua luz
nos envolve em claridade.
Quão longe e de nós tão perto...
peregrinos - rumo incerto
num deserto a percorrer;
Tu, que superaste a dor,
entre a essência do amor e a lucidez de teu crer.
Tua alma, é com a gente,
como a nossa bem a sente
entre a Luz Celestial;
Quem vislumbra seu clarão
Se espelha em seu coração
belo e sublime ideal.
Quanto mais a gente avança,
melhor entende essa herança
pois a esperança a desperta;
Gemendo, rindo e chorando,
de cada vez vai ficando,
mais perto de nós, a meta.
Se a verdade nos chamar,
chegar hora de embarcar...
Ao cais nos vem receber!
Amenizar a saudade
e confirmar que a amizade
jamais deixa, alguém morrer.

Poema da Vírgula

— Etelvina Ferreira

A vírgula, essa bisbilhoteira,
não resiste a meter-se na conversa,
entra no verso,
puxa a saia da palavra vizinha,
diz: "espera um bocadinho,
não corras tanto".

Se falta, o poema tropeça,
cai de cara no papel,
e fica sem ar.

Se sobra,
enche-se de soluços,
como quem não sabe
se fala,
se engasga,
se ri.

Ah, vírgula caprichosa!
Tu mandas mais que o poeta,
porque entre um beijo e outro,
és tu quem decide:
agora,
ainda não,
agora sim.

“Ela pôs-se a Jeito...”

— Milú Almeida

A propósito dum “post” colocado no Facebook pelo professor de História de Arte, Artur Sousa, em que se foca o filme “O Último Azul”, lembrei-me que anotei num cadernito alguns dos tópicos que constaram dos encontros das quartas-feiras no parque urbano, durante as férias escolares. No dia 16 de Julho, escrevi assim:

Hoje falamos vagamente sobre um assunto “banal” que de banal não tem nada e, por isso mesmo, poderia (e deveria?!) ter sido falado mais a fundo e ocupar grande parte do tempo decorrido neste encontro.

É verdade que estávamos todos alegres e desconcentrados: uns regressavam de férias (como eu), outros preparavam-se para ir, uns falavam duma coisa, os do outro lado falavam doutra.

Contudo, bem podíamos ter feito do tema um belo debate.

Não sei porque motivo isto veio à baila, talvez porque há colegas que estão a rever a telenovela “Tieta” na TV Globo. Às tantas, ouvi o Prof. Artur dizer:

- Ainda se ouve aquela frase “Ah! Ela pôs-se a jeito ...”, a propósito daqueles andares femininos caracterizados como “andar a bambolear as ancas”, aquela dança coquete de algumas mulheres que “chama a atenção de todos”, homens ou mulheres.

Ora bem, na minha opinião, a análise vulgar que as mulheres fazem, quando “elas andam a bambolear as ancas”, resume-se a este simples comentário: “elas estão a armar-se ...” (tal como a Tieta!) ou, desprezam “a ordinária”.

Já para os homens, por norma, “elas estão numa de engate e sedução ... e, se houver hipótese, rapidamente eles sucumbiam ao pecado! ...

Daí a frase, aquela que culpa indecentemente as mulheres. E, depois, quando algo corre mal (a elas), foram elas que se puseram a jeito! ... Elas é que provocaram, elas é que “as pediram”, elas é que embalam as ancas, usam decotes “marotos” ou minissaias para mostrarem as pernas, torneadas e lindas, elas é que usam trejeitos apropriados às tentações ...

Fiquei a pensar que gostava muito de falar sobre este problema que é um punhal na vida de muitas mulheres.

Será que todas as mulheres que usam este andar coleante, balanceado, desejam, mesmo e sempre, ser “montra” com ocultação alternada, ser objeto de erotismo dirigido aos homens com que se cruzam?

E, ainda que assim seja, quem obriga o homem a ser “macho”, a sentir-se poderoso e digno de ter direito à mulher que assim se expõe - por seu gosto, liberdade ou jeito, muitas vezes ficando à mercê de ser apontada, rotulada, agredida e, até morta?

Alguém aponta uma arma à cabeça dos homens nesses instantes?! Dir-me-ão alguns: É pá, mas tem que ser, ... se não é porque não é homem! Balelas! Balelas! Balelas!

Mas, pôs-se a jeito para quê e porquê? Não poderão essas elas serem pessoas simples, discretas (à sua maneira), até tímidas, carinhosas ou detentoras de gostos refinados e muitas sabedorias e talentos? Se também “encantam” por serem “bem feitas”, pela sua beleza física e pelas suas curvas, melhor ainda.

Há quanto tempo e em que circunstâncias elas são assim “mulheres que se põem a jeito”? Será difícil imaginá-las a serem estudantes, trabalhadoras aplicadas, mães zelosas, esposas leais? Será difícil imaginá-las de pijama, de fato de treino ou com aquele traje “de andar por casa” com esse mesmo jeito de ser e andar?

“Pôs-se a jeito” para quê e para quem? Porque não apenas para ela mesma, em jeito de afirmação pessoal, porque é uma mulher segura e positiva, porque tem orgulho de ser mulher e quer demonstrar isso mesmo à família, aos amigos e à vida, no dia a dia ...

Perante mulheres assim, haverá sempre que se levar “o seu jeito” para esse desejo mórbido, invejoso, sexual?

Por outro lado, se o homem pode ser um animal sexual capaz de, pelo menos, “comer com os olhos” essas elas, porque não pode a mulher sentir gosto de ser admirada dessa mesma forma? A mulher também gosta de “comer com os olhos” e de sexo, sabiam?

Contudo, o homem é aplaudido e “perdoado”. A mulher é considerada “culpada”, uma provocadora sem juízo ..., uma desavergonhada que “anda a pedi-las” ....

Recordo, entretanto, que no dia do lançamento do livro do meu irmão, uma mocita que há anos trabalhou como contabilista na empresa dele, por sinal bonitinha e avantajada de seios e ancas, não aceitou ser fotografada porque vinha “vestida assim” .... Ao dizer isto, puxou o casaco de malha para a frente dos seios, alertando-nos para a t-shirt justa e bem decotada que trazia. Depois, reparamos que as calças que vestia, sendo de malha reluzente, também desenhavam os bons traços da sua parte inferior ...

A moça acrescentou: ainda dizem que me estou a pôr a jeito (onde é que já ouvi isto, pensei???) ... e, sabe como é, os homens ....

Eu e a minha prima, questionamos: os homens ..., o quê?

- Oh, vocês sabem ..., eles ..., eu sempre ouvi dizer que eles têm que se satisfazer todos os dias e ..., eles têm sempre apetite ..., enquanto nós não ..., quer dizer, eu sempre ouvi dizer ... e acho que é verdade ....

Tive pena dela! Até àquele momento, a moça não se sentiu incomodada por “ir assim”. A partir dali pensou em si mesma como um possível objeto apetitoso .... Por outro lado, vejam só, os homens são todos uns tarados!!!

Tentamos fazê-la ver que as coisas não são dessa forma, mas não acredito que tenhamos conseguido

convencê-la a, pelo menos, a pesquisar sobre o assunto e a deitar fora essas ideias pré-concebidas que alguém lhe incutiu.

Naquele encontro do parque, como já referi, não se aprofundou o tema, com grande pena minha. Estamos a viver um tempo tacanho, mesquinho e estúpido a todo o nível e em todo o terreno!

O abuso sobre as mulheres, a perda de direitos e a violência doméstica estão a aumentar (infelizmente) a olhos vistos .... Quase todas as semanas há notícias de "gajos" malucos que espancam, violam, denigrem, ameaçam as mulheres, em casa, na rua e nos empregos. Muitos desses "machos" são pessoas letradas e bem colocadas na vida!

Donde lhes vem o direito de se sentirem seres superiores aos "elas"? Donde lhes vem o direito de ofenderem, maltratarem e matarem as mulheres? Donde lhes vem o direito de cometerem alguns atos usando como desculpa "ela pôs-se a jeito!"?

Cabe-nos a todos nós alertar e ajudar a mudar certas mentalidades. Cabe-nos a todos nós falar abertamente sobre determinados assuntos. Cabe-nos a todos nós lutar para que sejam obtidos direitos iguais, salários e oportunidades iguais para trabalho igual. Cabe-nos a todos nós darmos o exemplo para que, especialmente nos casais, o trabalho doméstico, as responsabilidades e direitos sejam partilhados. Cabe-nos a todos nós ajudar as mulheres a prosseguir os seus sonhos, sem rótulos e sem preconceitos. É imperioso, mesmo!

As mulheres que conheço capazes de andar, viver e usar o que gostam e como gostam, são pessoas amorosas, capazes de dar a mão ao outro sem fazer alarde disso, são pessoas corajosas, amigas e desafiantes, são autênticos poços de alegria por quem nos apaixonamos com facilidade, por deterem essas qualidades que, não raras vezes, nos aliviam e fazem erguer quando a vida nos anda a fazer murchar. São mulheres contágio, são mulheres que lutam, são mulheres afirmativas, são mulheres "normais" na sua grandeza de espírito.

Colecionadora de Luzes

— Maria José Moura de Castro

Sou colecionadora de luzes. E tu? Procuro rodear-me do belo e partilhá-lo. Quando possível, crio-o também. É por isso que adoro poesia. Então, neste pedaço de página de word, escolhi partilhar contigo algo que me fez sentir bem, uma dessas luzes que coleciono.

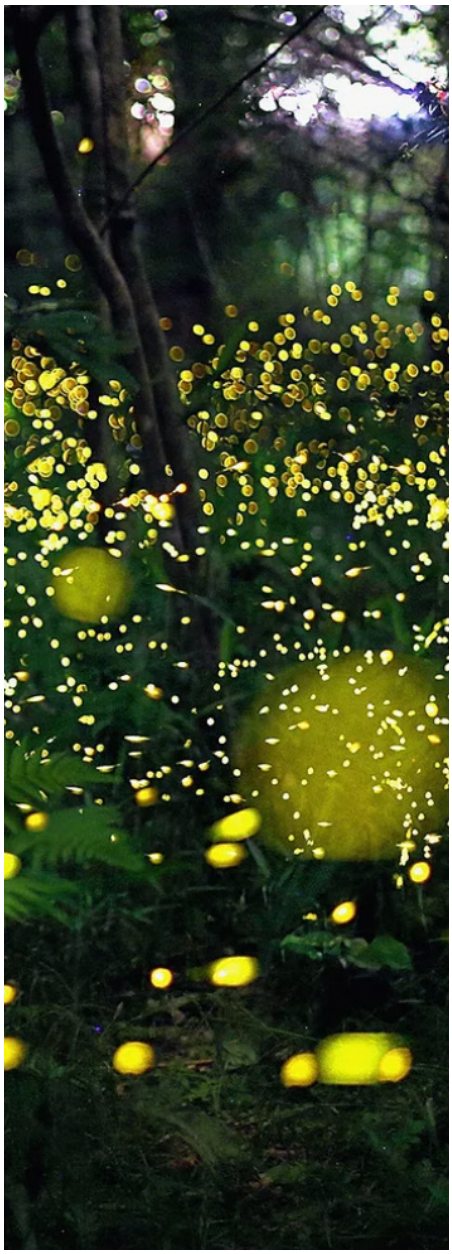
O cenário é lindo, simples, familiar, antigo e querido. É ao ar livre. Tem a capacidade para cerca de 250 lugares sentados; para público em pé, a capacidade pode subir até cerca de 750 pessoas. Possui acessos adequados a cadeiras de rodas, bem como estacionamento acessível. Está rodeado por vegetação, árvores, sobretudo. O cenário é... o anfiteatro do Largo do Souto, em S. Cosme Gondomar. Perfeito para concertos e espetáculos de dança, mas também para outros eventos. É um cenário onde nunca atuei, mas que procuro para ensaios com a Brigada de Intervenção Poética (BIP), ou seja, os difusores da palavra. Ou, ainda, colecionadores de luzes como eu. Cenário, portanto, poético. Pelo menos para mim.

Quando ensaio ali, o céu, as árvores, os transeuntes e as pombas, parecem assistir e apreciar. Param, respiram, observam e comungam do momento. Voam.

Na tarde do dia 30 de agosto, a BIP foi ensaiar o texto que seria lido de forma encenada, no dia seguinte, no ambiente dos Moinhos de Jancido, durante a caminhada pedagógica promovida pelos rapazes de Jancido, família e amigos. Um texto em homenagem aos moinhos. Nessa tarde, o ensaio foi especial, porque aconteceu algo espetacular e surpreendente. Gravei o momento nos meus olhos, coração e memória, porque tornou ainda mais precioso o ensaio com os meus amigos.

Entre as palavras que voavam libertadas pela nossa voz, dezenas de pombas ali presentes conversaram e secretamente combinaram um voo em grande performance coletiva, sobrevoando-nos de forma rasteirinha, rumo ao infinito, e deixando-nos de sorriso no rosto e olhos maravilhados. Foi inesquecível e divertido. Soltou-se a gargalhada genuína. Se eu estivesse a contar com esta prenda que nos deram as marotas, tinha filmado o voo, para rever vezes sem conta. Mas pronto, não se pode ter tudo. Só lhes posso agradecer.

Também posso lá voltar. Gosto de voltar onde me sinto feliz.



Clarabóia

— Luís Pimenta

Mural Colaborativo

No dia 29 de setembro, alunos da Universidade Sénior de Gondomar participaram no evento “Margem – dos 10 aos 100”, no Polis de Gramido., onde tomaram parte na criação de um Mural Colaborativo inspirado na paisagem ribeirinha do Douro.

Mais do que arte, foi um momento de partilha, inclusão e cidadania ativa, transformando a margem do Douro num espaço de encontro, uma ação que afirma a arte urbana como ferramenta de inclusão social, valorização do território e diálogo comunitário que proporcionou aos participantes a oportunidade de contribuir para uma obra coletiva inspirada no Douro e na preservação ambienta vivendo momentos de criatividade, partilha e cidadania ativa.